

# SENTIDO DE VIDA, ESPERANÇA E FUTURO PESSOAL EM ADOLESCENTES DE PETRÓPOLIS - RJ

Cleia Zanatta Clavery Guarnido Duarte (UCP)  
cleia.zanatta@ucp.br

Conflitos interpessoais na instituição educativa: ética e moralidade na sociedade pós-moderna

O trabalho pretende analisar sentido de vida, esperança e futuro pessoal tomando por base a adolescência, como tema relevante de pesquisa na atualidade. O conceito de sentido de vida está baseado na obra de Viktor Frankl e supõe um dinamismo constante, uma ação consciente direcionada a objetivos de busca de realização de ideais superiores, que determinam as razões para nossa existência e decorre da situação da pessoa no seu contexto ambiental, em função das experiências que vivencia, considerando como instrumentos mediadores desta construção os valores, a cultura, a relação intersubjetiva, as crenças e a educação, dentre outros. O adolescente neste contexto é visto como uma pessoa que experimenta conflitos intra e interpessoais decorrentes do processo do desenvolvimento e da sociedade atual, marcada por crises institucionais e de valores, imprevisibilidade, impressão iminente de risco, insegurança pessoal e coletiva, desencadeando a desesperança, à ausência de utopias e a dificuldade de crença num futuro pessoal. Realizou-se uma pesquisa empírica, descritiva, quantitativa, com doze adolescentes de escolas de Ensino Médio, de Petrópolis, no Rio de Janeiro e, definiu-se como problema, identificar processos de educação moral nas escolas, como mediadores de sentido de vida, esperança e futuro pessoal. Utilizou-se um questionário com dez respostas fechadas e sete abertas e fechadas, com o objetivo de conhecer como os adolescentes percebem sua escola em relação ao tema investigado. Concluiu-se, parcialmente, tomando as respostas, em blocos temáticos que as escolas pesquisadas desenvolvem de maneira informal, procedimentos de educação moral, mediadores de sentido de vida, esperança e futuro pessoal.

**Palavras-chave:** sentido de vida; esperança; futuro pessoal; adolescência; ensino médio.

## INTRODUÇÃO

Parece haver algo de semelhante entre a adolescência, como de um modo geral é identificada, e a atualidade: mudanças aceleradas,

imprevisibilidades, sucessão de diferentes acontecimentos em velocidade elevada, conflitos de identidade, crise de valores, necessidade de conciliar segurança e liberdade. Qualquer um desses aspectos parece caracterizar tanto a adolescência quanto a contemporaneidade e analisá-los separadamente dificultaria o entendimento de uma ou outra dimensão do tema a ser discutido.

A adolescência, geralmente, é caracterizada como uma fase de inúmeros conflitos, conquistas e riscos vividos pelo ser humano. Não raro, encontra-se apreensão por parte de pais e educadores frente à expectativa de chegada da adolescência de seus filhos ou educandos.

A produção científica em Psicologia a respeito do tema tende a se referir à adolescência como um período turbulento e conflituoso, explicando esta afirmativa com base na crise de identidade vivida pelo adolescente, que tem de se estruturar frente às exigências, nem sempre muito claras, da família, da sociedade, da cultura onde está inserido, além de ter de reorganizar percepções, frente às mudanças que acontecem em seu corpo, que não estão sujeitas ao seu controle.

Os conceitos de identidade e *self* promovem consistentes contribuições, para que se possa refletir sobre a adolescência e sentido de vida, pois constituem estruturas básicas da personalidade, organizadas na relação intersubjetiva Homem-mundo. Assim, numa sociedade imprevisível e arriscada, desprovida de referências coletivas sólidas e positivas, o adolescente pode experimentar a solidão, a dificuldade de estar socialmente integrado e de viver processos de socialização próprios dos contextos institucionais onde interage.

*A convivência em grupo favorece ao adolescente, desempenhando a função de apoio emocional, uma vez que o grupo pode representar uma espécie de laboratório para a realização de experiências diversas, necessárias ao seu amadurecimento para a vida adulta. O grupo pode estimular a auto-avaliação do adolescente e, se essa experiência for conduzida de modo equilibrado e orientado, poderá resultar em aquisição de habilidades pessoais e sociais úteis à sua maturidade. A necessidade*

*de encontrar uma identidade é vital para o adolescente e este exercício assume caráter dinâmico, tornando possível transitar de um papel a outro, assumindo vivências provisórias de papéis, mesmo que alguns deles sejam considerados negativos pela sociedade. Algumas vezes, esta experiência pode resultar na fixação de um papel negativo por um tempo maior, quando o caráter provisório dessa escolha inicial for percebido por pais e adultos como definitiva. Neste caso, o que prevaleceu foi a busca de alguma identidade, mesmo que negativa, no lugar de uma falta de identidade.*

*Considerando, segundo Bruner (1997), que o self resulta de um processo dinâmico e que integra os aspectos internos e externos que afetam o indivíduo – mundo experimentado - podemos refletir sobre a importância de uma sociedade com modelos sociais positivos, especialmente em instituições educativas permitindo, ao adolescente vivenciar experiências que caminhassem na direção da estruturação de valores, sistemas de crenças e desenvolvimento de habilidades capazes de favorecer o alcance de uma maturidade sadia e equilibrada.*

A Era Contemporânea particularmente nas ciências humanas e sociais, tem sido tema de inúmeras análises e reflexões na produção científica da atualidade, denotando uma necessidade do Homem entender seu próprio tempo e seu próprio espaço de vida. É possível que esta demanda revele um desencontro do Homem com o seu tempo, dando a parecer que de alguma forma ele está mais lento do que o próprio mundo que criou.

*Trata-se da contemporaneidade, época de imprevisibilidade, da globalização, das sociedades de risco, do ritmo apressado de vida, da produção tecnológica acelerada, do supérfluo, da violência urbana, do individualismo, do relativismo, da crise de valores morais, dos crimes ecológicos, do vazio existencial, da depressão, da falta de esperança, dentre outras características que fazem deste nosso tempo, uma era de questionamentos e de dúvidas, acerca até mesmo da própria existência do planeta e da humanidade que, como afirmam os cientistas, teria pouco*

*tempo de vida, devido ao aquecimento global. Refletir sobre imprevisibilidade e sociedade de risco, no contexto da contemporaneidade, envolve a possibilidade de inúmeras abordagens, visto tratar-se de tema complexo e multidisciplinar.*

Este contexto favorece à percepção de incoerência e até mesmo de contradição que o jovem pode ter do comportamento moral dos adultos, por exemplo, reforçado pelo relativismo, fazendo com que comportamentos de adultos se apresentem de modo bastante diferente do estabelecido pelas normas oficiais e pelos valores que a sociedade estabelece, permitindo que o certo e o errado oscilem freqüentemente em função das circunstâncias momentâneas. Estas questões direcionam as reflexões para a responsabilidade dos processos educativos como alternativa para minimizar ou, quem sabe, modificar, este estilo de desenvolvimento da moralidade, que caminha para o distanciamento da ética, colocando a razão utilitariamente a serviço do individualismo e relativismo, desconsiderando a existência de uma estrutura exterior objetiva, em que estamos contextualizados e que permite o desenvolvimento de pessoas.

Na Psicologia e na Psiquiatria pode-se conhecer as contribuições de Viktor Frankl o mais expressivo teórico que estudou o sentido de vida, incorporando-o como conceito central de sua teoria. Apesar do autor não adotar uma posição determinista com relação à influência do meio sobre as condutas e comportamentos das pessoas, admite que a obtenção do sentido de vida só pode ser ganho no mundo. Segundo Frankl (2001),

O verdadeiro sentido da vida deve ser descoberto no mundo, e não dentro da pessoa humana ou de sua psique, como se fosse um sistema fechado. Chamei a esta característica constitutiva de a autotranscendência da existência humana (p. 99).

De acordo com a proposta do autor, o sentido da vida supõe um dinamismo constante, uma ação consciente direcionada a objetivos de busca de realização de ideais superiores que determinam as razões para a nossa existência.

Para Frankl (op. cit., p. 100), a pessoa pode descobrir este sentido de diferentes formas: “1. criando um trabalho ou praticando um ato; 2. experimentando algo ou encontrando alguém; 3. pela atitude que tomamos em relação ao sofrimento inevitável.” Desta forma, percebe-se que o sentido da vida é formulado por cada um de nós, no contexto histórico, social, cultural e psicológico em que nos encontrarmos.

As reflexões sobre o sentido de vida encontram aproximação com o conceito de utopia e a questão do futuro pessoal, pois frente à certeza da morte, qualquer projeto de vida pode ser entendido como uma utopia. Utopias, para Krüger (1987, p. 33-34) são “sistemas de proposições (crenças) descritivas de sociedades idealizadas, qualitativamente superiores às existentes”, que se apóiam em três crenças básicas:

Somos dotados de recursos intelectuais que nos facultam o conhecimento, [...] podemos gerar condições que nos permitam influir em nosso destino individual e coletivo, [...] a realidade e o conhecimento são, dentro de limites que não nos são completamente conhecidos, passíveis de um aperfeiçoamento planejado (KRÜGER, op. cit., p. 37-38).

Na contemporaneidade, em decorrência da imprevisibilidade, da contínua sensação de risco iminente, experimentado pela maioria das pessoas, mesmo que não haja motivo real para tal, o individualismo e o relativismo, dentre outros aspectos que caracterizam a sociedade de nossos tempos, não há razões para que as utopias se apresentem como movimento legítimo de pessoas sobre o estado atual da humanidade.

Parece haver um adormecimento da esperança sobre o futuro dos homens e do planeta e, conseqüentemente, uma perda de sentido para alimentar a idéia de futuro pessoal o que poderia ser facilitado pelo pensamento utópico, que pudesse ser considerado por instituições educativas, que direcionasse a idéia de um mundo melhor, fundamentado valores éticos, uma vez que as utopias, segundo Krüger (1987, op. cit., p., 35), possuem o pressuposto básico de se

caracterizarem por uma perspectiva essencialmente otimista frente à realidade, o que facilitaria a possibilidade de se admitir a idéia de futuro pessoal. As pessoas, de um modo geral, particularmente os adolescentes, necessitam de referências claras e seguras para desenvolverem suas identidades, formarem suas escalas de valores e alcançarem autonomia; precisam de esperança no futuro para que possam direcionar o presente de modo mais harmonioso, saudável e equilibrado, pois a ausência de perspectiva de futuro para o Homem desencadeia a perda de sentido para viver, conseqüentemente, o vazio existencial, no dizer de Viktor Frank, que se faz acompanhar pela desesperança.

As reflexões acima permitem correlacionar esperança e futuro pessoal. Uma vez que a pessoa se entenda senhora do destino que dá à sua vida, tem-se maiores possibilidades de viver o presente, incluindo uma dimensão de futuro, com probabilidade da ocorrência de realização pessoal, “se as esperanças que alimentamos forem mais realistas e não se distanciarem demasiadamente das expectativas, isto é, não se identificarem com um otimismo ingênuo e vazio.” (Krüger, op. cit., p. 99). Esta pode ser uma tarefa da educação moral, mediada pelas instituições educativas, com o objetivo de favorecer o processo do relacionamento humano mais saudável, equilibrado e ajustado socialmente.

Na adolescência, o futuro costuma ser vivido como um tempo sem fim, onde a energia do presente se projeta para a busca de realizações e o temor da morte parece algo tão longínquo, que não entra nas cogitações existenciais do jovem. Já na vida adulta e madura, essa perspectiva pode se ampliar com a consciência mais nítida da finitude, aceitando-a, fazendo com que o sentido de vida ganhe novas dimensões, pois frente a um passado denso de realizações, próprio de quem já viveu mais tempo, torna-se necessário redimensionar o tempo do futuro e viver com intensidade o presente.

Giddens et al. (1991, p. 75) analisam a sociedade contemporânea como uma época identificada com sentimentos de desorientação e mal-estar, em que o Homem sente-se desconfortável com o presente e experimenta o futuro como um risco, isto é, “um mundo em que a oportunidade e o perigo estão equilibrados

em igual medida”. Num tempo sem perspectiva de futuro, a vida pode adotar uma posição pessimista, favorecendo à desesperança e ampliando a insegurança frente ao futuro pessoal, propiciado, muitas vezes, por ações predominantemente materialistas e utilitárias, distanciando o ser humano do apreço aos ideais superiores de natureza ética que são capazes de dar sentido à vida.

Outro aspecto que pode ser levantado em relação ao sentido de vida e futuro pessoal diz respeito à felicidade que, segundo Stork e Echevarria (2005), pode ser analisada sob a perspectiva de vivência e expectativa, já que o Homem é um ser no tempo e no espaço e assim, inevitavelmente, projetará sua vida, temerá a finitude e sonhará com a eternidade. Para Marías (apud STORK e ECHEVARRIA, 2005),

A felicidade afeta primariamente o futuro [...] ser feliz quer dizer, primariamente, que será feliz; já sendo feliz agora, continuará sendo depois. É mais importante a antecipação do que a felicidade atual; se sou feliz, mas vejo que vou deixar de sê-lo, estou mais distante da felicidade, do que se não estou feliz, mas sinto que vou ser depois (p. 228).

Em outras palavras, o estado de felicidade que se experimenta está estreitamente relacionado ao sentido que se concede à vida, à possibilidade de se ter respostas às perguntas para que e por que se vive, de se vislumbrar um futuro pessoal, de se ter sonhos, fantasias e imaginação, de se ter projetos e motivos para viver, de se ter nos ideais superiores a inspiração para viver a caminho da morte, sabendo que a vida é o valor supremo e inquestionável e que é possível transcender da mente ao espírito.

Ainda segundo Marías (apud STORK e ECHEVARRIA, 2005),

Uma das razões pelas quais os homens de antigamente podiam ser mais felizes que nós, ainda que fossem pobres, é o fato de que a educação que recebiam lhes permitia fazer verdadeiramente seus, de uma maneira natural, valores e projetos de vida que a própria sociedade favorecia, e que eram permanentes e tradicionais. Para eles, era evidente que a realização desses valores e projetos dava a felicidade. Viviam uma vida mais difícil e arriscada, mas

cheia de aventura. Eram sociedades onde existia o comum (p. 234).

Felicidade não pode ser confundida com sentido de vida e bem estar; ambos são condições para a felicidade e se definem a partir das escolhas que se faz e de decisões conscientes que se toma na vida. Para Frankl (2001, p. 92), “o ser humano é capaz de viver e até morrer por seus ideais e valores”, e isso dá sentido à vida e permite estabelecer uma relação de intimidade, conforto e segurança em relação ao futuro pessoal, pois neste mundo a vida é uma seqüência de ciclos onde o passado e o presente dão sustentação ao futuro desde que se tenha um sentido pelo qual viver.

Uma sociedade, carente de perspectivas claras, apoiada em valores sólidos que possam nortear a formação de novas gerações e garantir o futuro das pessoas, pode favorecer a formação de crenças que dificultam a construção de sentidos de vida, numa perspectiva de valores éticos e, desta forma, propiciar condutas carentes de intencionalidade e de planejamentos conseqüentes, que possam permitir um desenvolvimento harmonioso, saudável e equilibrado de adolescentes e jovens, de um modo geral. Disso pode resultar um comprometimento na motivação das pessoas, uma desvalorização das experiências individuais ou mesmo coletivas, supondo que sejam destituídas de valor, instalando-se um sentimento de vazio existencial, no dizer de Viktor Frankl.

A concepção de Frankl sobre sentido da vida pressupõe a admissibilidade de que sejam os valores éticos os orientadores de ações humanas para a realização de sentido. Assim, a questão do desenvolvimento da moralidade deveria constituir a preocupação central do desenvolvimento de adolescentes e jovens na sociedade contemporânea, particularmente nas instituições educativas, uma vez que é nesta fase da vida que o ser humano desperta para a consciência de sua existência, busca encontrar sua identidade em direção à maturidade e questiona o significado da própria vida, como da vida em geral.

Nos estudos e pesquisas costuma se destacar o fato de que a adolescência é uma época difícil, marcada pela insegurança, por crises de



identidade, por rupturas que tendem a ser aumentadas pelas condições socioculturais da era contemporânea, que não oferecem um contexto equilibrado, otimista e com perspectivas de futuro mais desejável, capaz de alimentar o sentido de vida e a esperança.

O termo ‘esperança’ parece estar associado ao sentido de vida, pois, ao pronunciar-se esta palavra, tem-se o sentimento de realização, de positividade, de crença em algo melhor, sendo possível experimentar bem-estar ou alívio, quando se está enfrentando alguma adversidade.

Segundo Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa (apud OLIVEIRA, 2006, p. 57), esperança significa “sentimento de quem vê como possível a realização daquilo que deseja; confiança em coisa boa, fé, expectativa, espera, promessa, algo que não passa de uma ilusão”.

O ser humano difere dos animais, dentre outras características, por possuir a consciência do tempo, por perceber nele possibilidades e ameaças e, em função dele, projetar sua vida, tendo esperança de poder realizar-se. Porém, de outro lado, inserido no mundo contemporâneo, experimenta em tudo um ritmo acelerado, nem sempre compatível com os ritmos humanos que demandam tempos mais longos de ajustamento e desenvolvimento pessoal. Frente a essa realidade, a esperança pode exercer um papel equilibrador nas tensões que frequentemente daí resultam, ou seja, a esperança é buscada na tentativa de apaziguar ou estimular, dependendo da necessidade, as ações humanas no seu ciclo de desenvolvimento, no contexto de nosso tempo, especialmente em instituições educativas.

A tradição, mestra em armazenar a história do desenvolvimento humano, suas crenças e valores, demonstra que o Homem cultiva a esperança como um valor e deposita nela crenças positivas para viver, encontrando energia e razões suficientemente fortes para prosseguir nas metas que traçou para a vida, constituindo fator eficiente para fortalecer o sentido de vida.

A esperança permite ao Homem acreditar no futuro como um tempo que lhe é devido ao invés de temê-lo, numa atitude de insegurança, limitação e

medo. Assim, lança luzes sobre as potencialidades humanas, sobre o sentido da sua finitude e sobre as crenças nas utopias, contagiando positivamente as pessoas com a crença de que o futuro, mesmo frente às adversidades, poderá ser melhor quando se tem no que acreditar e valores a seguir, tarefa precípua da educação moral.

Xausa (1986, p. 165 – 167), referindo-se à posição adotada por Frankl, descrita em suas obras, assevera que não se pode falar de sofrimento, dor e sentido de vida sem falar na esperança. Nesta perspectiva, propõe duas idéias que se associam ao termo, sendo a primeira a que decorre da própria vivência existencial do Homem como *Homo patiens*, isto é, que revela o “poder de resistência do espírito vinculado com a esperança”.

Neste sentido, Frankl deixa clara a estreita relação entre esperança e sentido de vida, que decorre da dimensão espiritual do Homem, isto é, trata-se de uma relação dialética, pois o Homem, dotado de espírito, é capaz de autodeterminar-se na busca de um ou mais sentidos para viver e, certamente, tem esperança de encontrá-los. Por outro lado, a esperança só é possível porque existe o sentido - esperança em algo ou em alguém

Krüger (1989, p.96-99), admite a esperança como “estímulo à assunção de responsabilidade e ao desenvolvimento de iniciativas em relação ao nosso destino individual e ao futuro da coletividade a que pertencemos”, fortalecendo a posição de Boniecki (apud KRÜGER, op. cit., p. 99) relativa à valorização do papel da Educação na formação de crenças que favorecem o planejamento de nossa vida, ou seja, tornamo-nos melhores à medida que vamos nos educando, uma vez que nos desenvolvemos como pessoa e isto só é possível porque nos tornamos conscientes dos valores éticos que nos elevam na busca de ideais superiores, na busca de sentido, ou seja:

A esperança é a única reação razoável e antropologicamente sadia que nos resta apresentar, quando passamos a compreender que não se encontra à nossa disposição um esclarecimento definitivo para o nosso existir. Sem ela podemos fazer naufragar não apenas os nossos projetos pessoais, mas, também, derruir essas imensas

obras coletivas que são as culturas e as civilizações; com ela, porém, podemos ao menos tentar a edificação de um porvir que possamos descrever como mais desejável, precisamente por ser axiologicamente mais bem fundamentado (p. 102).

Entretanto (apud OLIVEIRA, 2006, p. 63-64), ao analisar a esperança, abordou-a sob uma perspectiva existencial, como “um hábito da segunda natureza do homem, por obra do qual este confia de modo mais ou menos firme na realização das potencialidades de ser que pede e oferece a sua espera vital”. Interpreta a idéia esperança como uma categoria existencial que afeta o ser humano na sua totalidade, vindo a integrar a realidade ontológica da pessoa. O autor (apud OLIVEIRA, 2006, p. 64-68) diferencia os conceitos de espera e esperança. A espera humana é definida por Entralgo (apud OLIVEIRA, 2006, p. 69) como “um hábito da natureza primária do homem que consiste na necessidade vital de desejar, projetar e conquistar o futuro” ou “um dos hábitos constitutivos da natureza primária do homem durante a sua vida terrena” (op. cit. p. 82). Com estas definições, podemos aplicar este conceito à adolescência, uma vez que, nesta fase da vida, as expectativas são absolutamente vitais e tendem a se prolongar por mais tempo em decorrência das exigências que são apresentadas ao jovem na sociedade contemporânea, como passaporte de entrada na vida adulta madura e responsável. Para Entralgo (apud OLIVEIRA, 2006, p.69), a espera humana, “é suprainstintiva, suprasituacional e indefinida”, apresentando como pressupostos:

1) distinta da espera animal, a espera humana pode consistir na renúncia às satisfações instintivas que o meio brinda e o corpo deseja – o homem movido por si e desde si mesmo, é capaz de uma espera essencialmente suprainstintiva; [...] 2) o homem pode esperar eventualidades absolutamente alheias ao conteúdo próprio da situação em que se encontra; [...] 3) no seio de uma situação determinada, e sem sair dela, a espera humana pode optar entre um indefinido número de possibilidades diversas; cada situação nos permite esperar uma verdadeira infinidade de eventos diferentes (p. 69-70).

A espera humana permite ao Homem que suas dimensões biológica, racional e afetiva, venham a ser recursos facilitadores para empreender ações que possam atualizar essa espera. Entralgo (apud OLIVEIRA, 2006) prevê essa ocorrência através do que ele denomina projeto, que seriam as diferentes formas que o Homem encontra para fazer face às perguntas relativas às suas possibilidades de ser, isto é:

Minha vivente e constitutiva necessidade de futurição e o modo de minha relação com a realidade são a causa de que minha existência seja projeto e pergunta. Viver humanamente é projetar e perguntar: quem projeta, pergunta, e quem pergunta projeta. A pergunta é a expressão racional do projeto; o projeto é o fundamento vital ou existencial da pergunta (p. 77).

Entralgo (apud OLIVEIRA, 2006, p. 80) refere-se a crenças esperançosas, que derivam de perguntas que o Homem faz a si próprio e produzem um estado anímico de confiança e se apresentam sob quatro formas: crença na obtenção da resposta; crença na realidade de seu próprio ser e na do outro a quem se dirige a pergunta; crença na ocorrência do diálogo, possibilitado pela segurança de que os interlocutores da pergunta continuarão a existir; e, crença na veracidade da resposta que será dada. Assim, podemos falar que na concepção de esperança de Entralgo (apud OLIVEIRA, 2006, p. 88), “sobressaem como elementos básicos a espera e a confiança. A confiança é crença de que nos é possível alcançar o que nossa espera vital deseja e pretende”.

Infelizmente, nos dias atuais, muitos carecem de esperança, de luzes encaminhadas na direção dos valores, de utopias que possam orientar o sentido de vida, afirmativa que vale para seres humanos de modo geral, incluindo adolescentes e jovens. Para Klosinski (2005, p. 55), “a meta de todo desenvolvimento psíquico e espiritual na adolescência é atribuição integral de sentido, a experiência de sentido na vida pessoal”. A dimensão atribuída por Entralgo à esperança, ontologicamente falando, permite direcionar nossas

reflexões para a importância desta consciência na vida das pessoas, particularmente na de adolescentes e jovens de nossos tempos, pois partimos do pressuposto de que havendo percepção e consciência de sentido para o viver, haverá mais esperança e, conseqüentemente, saúde, bem-estar e encontro de uma vida feliz.

As reflexões acima deram ensejo à realização de uma investigação empírica em seis escolas do Ensino Médio localizadas em Petrópolis no Estado do Rio de Janeiro, aleatoriamente escolhidas, sendo duas escolas públicas, duas escolas privadas leigas e duas escolas privadas confessionais. Foi feita uma pesquisa descritiva, quantitativa, com base na aplicação de um questionário com dez respostas fechadas e sete respostas abertas e fechadas, com o objetivo de conhecer os indicadores de opinião dos participantes, acerca de como suas escolas abordam o tema sentido de vida, esperança e futuro pessoal.

Nas escolas de Ensino Médio, sobrepuja a dimensão do ensino à dimensão educativa e isto propicia a que escolas tendam a não dispor, de maneira mais formal ou instituída, de objetivos e práticas que possam atender às necessidades educativas de alunos numa fase da vida – adolescência e juventude – em que ainda há demandas próprias para práticas educativas. O adolescente e o jovem necessitam de apoio formativo para suas personalidades, ainda não são adultos e têm dúvidas sobre sua pessoa no mundo e sobre a sua existência. Estas questões, quando não respondidas ou encaminhadas por parte de educadores podem levar a experimentarem incertezas, inseguranças, falta de sentido para o viver o que pode favorecer à desesperança e à falta de crença num futuro pessoal.

O grupo pesquisado por escola foi, até o momento, constituído por um adolescente e uma adolescente perfazendo um total de doze participantes. Optou-se por não expandir este número para que se pudesse obter resultados visando à análise e interpretação parciais de resultados. Pretende-se que esses resultados possam servir como estudos prospectivos para aprofundar novas áreas de investigação sobre o tema e contribuir com conhecimentos e reflexões,

no âmbito da educação escolar, particularmente da educação moral. Interessa focar as propostas curriculares para o Ensino Médio que favoreçam à educação moral como mediadora do desenvolvimento pessoal e social de adolescentes e jovens, comprometidos com a consolidação de valores éticos e morais, capazes de influenciar condutas e comportamentos na direção da formação de sentidos de vida, fortalecimento da esperança e da crença no futuro pessoal.

As escolas pesquisadas revelaram, numa análise ampla, em valores percentuais, tomando as respostas, em blocos temáticos que, de modo geral, apoiam a formação do aluno, possuem ambiente agradável, acolhedor e formador de valores; costumam trabalhar temas como amizade, respeito à vida, amor e respeito ao próximo, solidariedade e responsabilidade; são percebidas como lugar de transmissão de conhecimento, de boa convivência e formadoras de sentido para a vida; percebem os docentes como transmissores de conhecimento, amigo e preocupados com a formação humana.

Acredita-se que condutas e comportamentos poderão decorrer, não só do tipo de personalidade de cada um como também, do sentido que dão às suas vidas e dos estímulos do contexto existencial que estão vivendo decorrente, em boa parte, do processo educativo que experimentam. Na adolescência/juventude esta experiência é vital pois as condições cognitivas, afetivas e sociais impulsionam o jovem para o aprendizado de comportamentos que o habilitem à busca de soluções para o conflito de identidade, que caracteriza primordialmente esta fase. Sugere-se, portanto, a educação moral, como proposta de educação que seja a garantia de aprendizagens sociais direcionadas à busca de qualidade de vida, à formação de pessoas comprometidas com um sentido de vida que permita uma relação do Homem com a sua cultura de maneira mais equilibrada.

## **REFERÊNCIAS**

BRUNER, J. A Narrative Model of Self – Construction. **The Self Across Psychology**. New York: The New York Academy of Sciences, 1997.

- FRANKL, V. **Em Busca de Sentido**. 3<sup>a</sup>.ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- GIDDENS, A. **As Conseqüências da Modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991
- KLOSINSKI, G. **Adolescência hoje**: situações, conflitos e desafios. Petrópolis: Vozes, 2006.
- KRUGER, H. Educação e Esperança. **Fórum Educacional**. v. 13, n. 1 e 2, p. 95-103. Rio de Janeiro: 1989
- \_\_\_\_\_. Utopias Sociais e Pedagógicas. **Fórum Educacional**. v. 11, n. 4, p. 33-41. Rio de Janeiro: 1987.
- OLIVEIRA, C. R. de. **Esperança e Sentido da Vida em Pacientes com Neoplasia Maligna**. 2006. 158 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- STORK, R. Y.; ECHEVARRÍA, J. A. **Fundamentos de Antropologia**. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio, 2005.
- XAUSA, I. A. M. **A Psicologia do Sentido da Vida**. Petrópolis: Vozes, 1986